

MEMÓRIA DOS POVOS DO CAMPO NO ENTORNO DO COLÉGIO ESTADUAL DO CAMPO CORNÉLIO PIRES RIBEIRO, PINHÃO (PR): UM ESTUDO NA PERSPECTIVA NA EDUCAÇÃO HISTÓRICA.

Alexandra Vanessa PORTELLA¹; Orientador: Professor Doutor Geysog Germinari²

A educação do homem do campo tem sua complexidade no contexto das suas memórias que fazem como que ele faça suas coisas do cotidiano, planeje seu futuro, percorra os caminhos da roça no sentido dos caminhos da vida, verificando as informações não verbalizadas tais como as habilidades intelectuais, sensitivas e motoras através de suas experiências de vida. Essas lembranças compõe o mosaico da memória coletiva e cabe a escola o papel da inserção do conhecimento metodizado como realimentação do conhecimento cotidiano. A memória nutre o pensamento histórico que se elabora em consciência histórica como fator de situação social e cultural de indivíduos e de comunidade. Nas memórias dos povos do campo está o jeito de se relacionarem com a natureza, o manejo da terra, a organização das atividades produtivas da pequena propriedade, a mão de obra familiar, os valores e cultura que estreitam o relacionamento familiar e com os vizinhos, as festas dos dias santos, a festa da colheita e o esquecimento do relógio em função do tempo da natureza para que seja necessário o plantio e a colheita.

“(…) quando se entende por consciência histórica a suma das operações mentais com os quais os homens interpretam sua experiência da evolução temporal de seu mundo e de si mesmos, de tal forma que possam orientar intencionalmente sua vida prática no tempo”. (Rüsen, 2001; p.51)

O ensino da História é um mecanismo que constrói o conhecimento e ajuda os alunos para tomada da sua consciência histórica, levando-os a compreender e agir no seu dia a dia, nos motivou a investigar sobre as memórias dos povos do campo no entorno do Colégio Estadual do Campo Cornélio Pires Ribeiro no município de Pinhão (PR). O interesse pela memória histórica dos alunos do campo do Colégio está diretamente relacionado com a nossa prática docente enquanto professora de História no ensino Fundamental e Médio, levando-me a buscar compreender qual a visão dos estudantes sobre a história estudada em sala de aula e a relação feita com as memórias de suas comunidades.

Usando como suporte teórico para esse estudo alguns teóricos como Jörn Rüsen (2001,2012), Isabel Barca (2007), Maria Auxiliadora Schmidt (2008) e Peter Seixas (1994) e

¹ Mestranda – PPGE-UNICENTRO, alexportella@gmail.com

² Doutor – UNICENTRO, geysog@gmail.com

considerando a memória histórica dos alunos do colégio do campo, perceber a utilidade da aula de História e como esta se relaciona com a vida de cada um.

Essa opção de compreender a História no olhar do aluno vai justificar-se quando entendemos que esse aluno é o principal componente desse processo de aprendizagem para a construção do seu pensamento histórico e que o trabalho desenvolvido pelo professor nas aulas de História vai permitir aos alunos a construção de narrativas que promovem o domínio das suas temporalidades.

As memórias são pouco trabalhadas nas escolas, assim é importante incorporar em sala de aula esse assunto para identificar experiências e produzir um ensino voltado às questões das vivências dos alunos.

O Estudo das memórias vai promover o conhecimento sobre as tensões existentes entre o local, regional e o nacional, estabelecendo uma relação de identidade por conta de uma memória refletida em acontecimentos próximos e vivenciados pelos sujeitos.

“A formação histórica aumenta as chances de racionalidade da cultura histórica pela abertura à experiência, pela sensibilidade estética, pela reflexão política e pelas fundamentações discursivas”. (RÜSEN, 2001)

Nos ambientes do nosso dia a dia, nos deparamos com os espaços de memórias, onde construímos nossas identidades, estabelecendo uma relação entre o local e o passado na qual podemos inserir os estudos da História voltada para o local, como aponta:

A questão da memória impõe-se por ser base da identidade, e é pela memória que se chega à história local. Além da memória das pessoas, escrita ou recuperada pela oralidade, existem os “lugares da memória”, expressos por monumentos, praças, edifícios públicos ou privados, mas preservados como patrimônio histórico. Os vestígios do passado de todo e qualquer lugar, de pessoas e de coisas, de passagens naturais ou construídas, tornam-se objetos de estudo (BITTENCOURT, 2005).

Partindo desse pressuposto com as relações que se estabelecem entre o local e o geral, busca-se a compreensão de quanto há de história em sua vida.

Quando pesquisamos o local, Schmidt vai nos mostrar a questão de consciência histórica, presente na relação da identidade como também da ação:

A consciência histórica é um pré-requisito para a orientação em uma situação presente que demanda ação. Isto significa que a consciência histórica funciona como um modelo específico de orientação nas situações reais da vida presente, tendo como função específica ajudar-nos a compreender a realidade passada para compreender a realidade presente (SCHMIDT, 2009, p. 194).

O estudo das memórias cria um fortalecimento da busca pela compreensão da realidade em que os alunos vivem, principalmente pela afetividade que eles possuem pelo local. A proposta do ensino de História, tendo como pressuposto a memória das comunidades em que os alunos estão inseridos, permite ao professor um aproveitamento do conhecimento que estão presentes no desenvolvimento do estudante, aproveitando-se dos conhecimentos trazidos por eles, construindo assim junto com o professor conceitos que vão garantir a apropriação do conhecimento formal, a partir de sua própria experiência e a história ensinada em sala de aula precisa da empatia dos estudantes.

Para maior parte dos estudantes brasileiros, o estudo de história carece de sentido ou utilidade; não tem-se a visão de ciência e sim de matéria decorativa, estudo do passado, que só exige como vimos, a prontidão em declinar nomes, datas e fatos.

Não é de se estranhar que assim seja, porque ocorre a enorme distância entre a realidade vivenciada pela comunidade e o tratamento dado ao ensino de história, já que o aluno torna mero espectador de fatos, não necessitando esforços no sentido de qualquer reflexão ou elaboração (BARBOSA. 2006, p.65).

A consciência histórica é inerente a todo ser humano e consiste na forma pela qual os homens e mulheres interpretam suas experiências no tempo, no espaço, e dá sentido a vida prática. Através do resgate das memórias dos povos do campo que forma a consciência histórica observamos como as pessoas convivem com o seu passado, o transformam em conhecimento e conferem sentido à história. Assim, recolhendo histórias de vida dos sujeitos atores da pesquisa, poderão ser levantadas as contribuições das memórias dos povos do entorno do Colégio Estadual do Campo Cornélio Pires Ribeiro para a educação do campo.

REFERENCIAL TEÓRICO

BARBOSA, V. L. Ensino da História Local: Redescobrimos sentidos. Saeculum Revista de História; João Pessoa, 2006.

BITTENCOURT, C. M. F. Ensino de História: fundamentos e métodos. 3.ed. São Paulo: Cortez, 2009.

RÜSEN, Jörn. Razão Histórica: Teoria da História: os fundamentos da ciência histórica. Brasília: UNB, 2001.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. BARCA, Isabel. MARTINS, Estevão de Rezende. Jorn Rüsen e o ensino de história. Curitiba: Ed. UFPR, 2010